

ETNOGRAFIA SURREALISTA: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Krischna Silveira Duarte
Denise Marcos Bussoletti
Vagner de Souza Vargas

"Los ordenes estables de significación colectiva parecen ser contruïdos, artificiales, y a menudo ideológicos y represivos. La clase de normalidad o de sentido comun (...) se vê como realidad discutible que debe ser subvertida, parodiada y transgredida" (CLIFFORD, 2001, p.150).

Introdução

Na contemporaneidade, as abordagens investigativas para as pesquisas suscitam a abertura para novas possibilidades de achados, de buscas por variáveis até então não tidas como possibilidades de enfoque ou que ainda não recebiam um tratamento em uma perspectiva mais ampla no cenário acadêmico. Nesse sentido, a etnografia surrealista surge como uma possibilidade para se pensar e analisar os paradigmas atuais a partir de abordagens diferenciadas das tradicionalmente desenvolvidas nos trabalhos acadêmicos realizados no Brasil.

Além disso, com os avanços na percepção de que as escritas acadêmicas também poderiam encontrar possibilidades outras e legítimas para a sua efetuação, nos últimos tempos, vem surgindo a necessidade de se encontrar métodos de pesquisa que venham ao encontro de suprir e constituir um arcabouço epistemológico que dê suporte a essas abordagens de pesquisa, diferenciadas das tradicionalmente desenvolvidas em nosso país até então. Sendo assim, o objetivo desse artigo é apresentar um breve percurso histórico da proposta de etnografia surrealista proposta por Clifford (2001) e adaptada por Bussoletti (2007) para as pesquisas acadêmicas nas áreas das ciências humanas e, em especial, na educação e, sucintamente, refletir sobre algumas de suas aplicabilidades.

A etnografia surrealista e seus percursos iniciais

Na obra "A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX", James Clifford (2001) desenvolve o conceito de surrealismo etnográfico com base no periódico *Documents*¹. A montagem da metodologia etnográfica surrealista é realizada por Clifford (2001) a partir da imersão em artigos, poemas e fotografias publicadas no periódico, que convidam a uma exploração etnográfica desfamiliarizadora, conforme este autor refere no trecho abaixo:

Me he detenido en Documents porque ejemplifica con inusual claridad las áreas principales de convergencia entre la etnografía y el surrealismo durante la década de 1920 y porque muchos de sus colaboradores se convirtieron en trabajadores de campo y organizadores de museos. Documents revela también, en su actitud documental subversiva, casi

¹ Revista de arte surrealista publicada em Paris de 1929 a 1930, na qual uma gama de textos e fotografias eram ordenadas surrealisticamente.

anárquica, un horizonte epistemológico para los estudios culturales del siglo XX (CLIFFORD, 2001, p. 168).

No contexto do surrealismo, a desfamiliarização dos contextos culturais tradicionais é capaz de conduzir à possibilidade de realizar a crítica da cultura. Para acompanhar o olhar detalhado que Clifford (2001) realiza na análise de *Documents*, contudo, é necessário, antes, um esboço do contexto histórico e cultural que compõe a base epistemológica da etnografia surrealista. Clifford (2001) argumenta que, se hoje nos parece estranho utilizar um periódico como o *Documents* para subsidiar o conhecimento etnográfico, em 1920, em pleno surgimento do movimento surrealista, o periódico era uma plataforma perfeitamente adequada, justamente por seu exotismo, conforme ele expõe ao dizer que: "*En el subtítulo de Documents – Archéologie, Beaux Arts, Ethnographie, Variétés - la carta extraña era "Ethnographie – denotaba un cuestionamiento radical de las normas y un llamado a lo exótico, lo paradójico, lo insolite"* (CLIFFORD, 2001, p. 162).

O exotismo ao qual Clifford (2001) se refere é o contexto entre guerras de 1920, no qual a experiência de trincheira culmina na sobreposição da cultura local por uma realidade exótica. Este acoplamento de realidades oferece elementos de questionamento e subversão da cultura que, por sua vez, instiga a necessidade de compreensão destes fenômenos, o que dá lugar à experimentação de uma estética surrealista, conforme é expresso em: "*(...) después que las românticas convenciones retóricas del siglo XIX se revelaron incapaces de representar la realidad de la guerra, el mundo fue permanentemente surrealista"* (CLIFFORD, 2001, p. 152). De acordo com Clifford (2001), este contexto de pós-guerra se estrutura a partir de uma nova significação da cultura, que se dá, principalmente, de forma irônica, pois para cada "*(...) costumbre o verdad local había siempre una alternativa exótica, una yuxtaposición o incongruência posible. Por debajo (psicologicamente) y más allá (geográficamente) de la realidad ordinaria existía otra realidad* (CLIFFORD, 2001, p. 153).

Clifford (2001) argumenta que o encontro com essas novas realidades questiona a ordem tradicional e abre espaço para que a cultura seja reinventada. Em "O Narrador" (2012), Walter Benjamin discute essa reinvenção da cultura, quando descreve o declínio da arte de narrar em função do fortalecimento da burguesia – e consequentemente da imprensa –, que consolida a informação como uma nova forma de comunicação. Os conteúdos verificáveis e explicativos tornam arcaica a característica artesanal de contar histórias. Isso parece estar sugerido por Benjamin (2012), ao referir que:

(...) com a guerra mundial começou a tornar-se manifesto um processo que desde então segue ininterrupto. Não se notou, ao final da guerra, que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha; não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável? E o que se derramou dez anos depois, na enxurrada de livros sobre guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. (...) Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos encontrou-se desabrigada, numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens e, debaixo delas, um campo de forças de torrentes e explosões destruidoras, o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 2012, p. 214).

Ainda sobre a potência da experiência de guerra como promotora da estética fragmentária e da atenção exacerbada sobre a percepção de mundo, Clifford (2001) busca, em uma carta de Guillaume Apollinaire – escrita logo após sua saída das trincheiras –, nomear aquilo que chama como “estética do pós-guerra”:

*La Victoria sobre todo será
Ver claramente a la distancia
Cerca y a mano
Y poder a todas las cosas
dar un nuevo nombre
(Apollinaire, Guillaume)².*

Recordando que, antes da guerra, Apollinaire havia decorado seu estúdio com fetiches africanos que foram invocados em seu poema “Zona”, Clifford (2001) segue revelando os caminhos para a atitude etnográfica quando afirma que o continente Africano, assim como a América e a Oceania, ofereciam novas formas e crenças sobre o mundo, renovando os olhares da vanguarda parisiense:

(...) una creencia de que el otro (ya fuera accesible en sueños, fetiches o en la mentalité primitive de Lévy-Bruhl) era um objeto crucial de la investigación moderna (...) Los otros parecían ahora como serias alternativas humanas; El relativismo cultural se tornó posible. A medida que, después de la guerra, los artistas y escritores se dispusieron a reunir nuevas maneras las piezas de la cultura...” (CLIFFORD, 2001, p. 152).

Para Clifford (2001), portanto, a etnografia surrealista é um método “modernista”, que tem como problema – e oportunidade – a fragmentação e a sobreposição de valores culturais, através do constante desejo de ser surpreendido, de desfazer sínteses interpretativas e de valorizar a alteridade (CLIFFORD, 2001, p. 180). Assumir uma atitude etnográfica surrealista, exige do pesquisador o desafio de estar em campo considerando a si mesmo sempre alheio às significações culturais das quais está embebido. Trabalhar dessa maneira, consiste em olhar para si e para o outro a partir de um esforço constante pela desfamiliarização que objetiva o encontro com o novo a partir da abertura à capacidade de ser surpreendido pelo habitual. O surrealismo etnográfico como método de pesquisa pressupõe, portanto, o desafio de trabalhar com rigorosidade em terrenos incertos, pois a etnografia e o surrealismo não são unidades estáveis (CLIFFORD, 2001, p. 150). Nas palavras desse autor, não há melhor forma de descrever essa atitude, do que a proposta de Mauss, ao contar como costumava fazê-lo: “*La etnografia es como el océano. Todo lo que usted necesita es arrojar la red, cualquier clase de red; después usted entra en el oceano y la mece, y puede estar seguro de capturar alguna clase de pez*” (CLIFFORD, 2001, p. 168).

Desvios surreais na educação

A ideia defendida por Clifford (2001), de que a vanguarda artística surrealista e a técnica científica etnográfica se desenvolveram com estreita proximidade, abre espaço para pensar que, a partir dessa relação, podem ser construídas novas epistemologias. Reorganizando as noções de arte e ciência, Clifford (2001) busca na característica estética de *Documents*, caminhos que sugerem novas formas de interpretar o mundo. Ainda que não houvesse na época uma ciência social

² (CLIFFORD, 2001, p. 152).

constituída com um método próprio, ao observarmos o uso da palavra etnografia em uma publicação como *Documents*, podemos perceber como uma atitude etnográfica poderia funcionar a serviço de uma crítica cultural subversiva, que busque novas formas de fazer ciência:

(...) el termino etnografia, tal como lo uso aquí es diferente de la tecnica de investigacion empirica de una ciencia humana [...]. Me estoy refiriendo a una predisposicion cultural más general que pasa a través de la antropología moderna y que esa ciencia comparte con el arte y la escritura del siglo XX. El rótulo de etnográfico sugiere una actitud característica de observación participante entre los artefactos de una realidad cultural desfamiliarizada. (...) El contraste de hecho está generado por un juego continuo de lo familiar y de lo extraño, del cual la etnografía y el surrealismo son dos elementos. Este juego es constitutivo de la situación cultural moderna que asumo como base para mi revisión (CLIFFORD, 2001, p. 153).

Como metodologia de pesquisa aplicada à educação, a etnografia surrealista propõe mais do que caminhos que conduzam com segurança aos objetos de pesquisa, mas a possibilidade de questionar os próprios caminhos de pesquisa e a atuação do pesquisador em campo. Nesta perspectiva, o surrealismo etnográfico, conforme Clifford (2001, p. 181) refere: "*recupera su temprana vocación como política de crítica cultural, una vocación perdida en los desarrollos posteriores*", atuando como meio possível de transgressão do normativo.

O exercício de estranhamento do familiar que atua como base da etnografia surrealista é exemplificada por Clifford (2001), através do trabalho teórico de Mauss, *Técnicas e Movimientos Corporales*, publicado em *Documents*, em 1934. Na antropologia, esse processo busca tornar o diferente compreensível, identificável, interpretável a partir de sua própria realidade. Na etnografia surrealista, o caminho é inverso ao das ciências sociais, ou seja, parte do familiar, provocando o estranhamento do comum para, a partir de seu impacto, suscitar novas interpretações do mundo. Segundo Clifford (2001), ainda que Mauss nunca tivesse experienciado o trabalho de campo, tinha um olhar agudo para o detalhe significativo, de onde emergia o "feito etnográfico concreto" (CLIFFORD, 2001, p. 156). Para Mauss, descobrir "*las muchas lunes mortas en el firmamento de la razón*" é a tarefa última da etnografia surrealista, que é incansavelmente subversiva das realidades aparentes (CLIFFORD, 2001, p. 161). Mauss (1934) ainda expressa que:

Es normal para los niños sentarse en cuclillas. Nosotros ya no sabemos cómo hacerlo. Considero que esto es un absurdo y una inferioridad de nuestras razas, civilizaciones y sociedades.

La noción de que dormir es algo natural es completamente inexacta.

(...)

Y tampoco puedo entender cómo las mujeres pueden caminar con sus tacos altos.

La higiene de las funciones naturales del cuerpo. Aquí podría listar innumerables hechos.

Finalmente se debe entender que danzar mientras se abraza es un producto de la civilización europea moderna. Esto debería demostrarles que las cosas perfectamente naturales para nosotros son históricas; pueden horrorizar a todos los demás en el mundo excepto a nosotros (MAUSS, 1934 apud CLIFFORD, 2001, p. 156).

Ao espreitar os limites da desordem, recombinao as definições tradicionais da arte e da ciência, o etnógrafo surrealista assume algo de artista, de (re)inventor.

Nesse sentido, pensar o surrealismo como etnografia é “*cuestionar el papel central del “artista” creativo, el genio-shamán que descubre realidades más profundas en el dominio psíquico de los sueños, los mitos, las alucinaciones, la escritura automática* (CLIFFORD, 2001, p. 180-181). No que se refere à proposta de alteração de perspectivas sobre esses paradigmas, trazidos ao contexto da pesquisa, Clifford (2001) ainda refere que:

Las definiciones cambiantes del arte y la ciencia deben provocar nuevas unidades retrospectivas, nuevos tipos ideales para la descripción histórica. En este sentido el surrealismo es una construcción utópica, una declaración a la vez acerca de posibilidades pasadas y futuras del análisis cultural (CLIFFORD, 2001, p. 151).

Se, no atual momento histórico, os discursos das ciências servem cada vez menos a uma representação estática e definitiva sobre os fenômenos, pensamos que o método etnográfico surrealista possa contribuir para a abertura de novos caminhos, seguramente incertos. A busca por estes novos tipos ideais para a descrição histórica futura e passada que Clifford (2001) sugere, caminha no sentido da apreensão do passado na perspectiva benjaminiana (BENJAMIN, 2012; 2013a; b; c), como imagem irreparável e subitamente iluminada no ato de seu reconhecimento. Na obra “A Origem do Drama Barroco Alemão”, Benjamin (2013a) incursiona pelo período barroco para dizer que a essência de presentificação do tempo no espaço se dá pelo reconhecimento do emblema alegórico a partir da simultaneidade de ações:

De fato, para que se dê uma presentificação do tempo no espaço – e que coisa é a sua secularização senão a sua transformação em puro presente? – o processo essencial é o da representação simultânea dos acontecimentos. A dualidade de significações e realidade (BENJAMIN, 2013a, p. 209).

Aproximando essas reflexões de forma a pensar as possibilidades de contribuição da etnografia surrealista como metodologia de pesquisa em educação, nos parece necessário afirmar que o método etnográfico surrealista busca fundamentalmente realizar a crítica da cultura de forma a desestabilizar noções tradicionalmente impostas, ressignificando experiências. Não se trata de “(...) negar a tradição histórica, mas de desordenar sistemas pré-estabelecidos que atuam como fortes modelos de orientação dos pensamentos” (DUARTE, 2017, p. 38).

Sobre a complexidade da realidade contemporânea e o papel da ciência na produção de discursos e formas de olhar para o mundo, Boaventura Sousa Santos (2001) fala de *Outros* conhecimentos, considerando o caráter multifacetado, a complexidade e a multiculturalidade das ciências. Encontrar esses *Outros* conhecimentos, exige abrir o espectro de compreensão do mundo e de produção da ciência, reconhecendo que os meios de acesso a estes conhecimentos, também podem e devem ser *Outros*, distintos do que a tradição hegemônica tem normatizado como formas aceitas e institucionais de se reconhecer a produção de conhecimento. Nesse sentido, Santos (2001) refere que:

(...) os consensos são absolutamente falsos, a comunidade **[científica]** está numa ebulição enorme, precisamente porque as realidades são cada vez mais complexas, sabe-se cada vez mais da complexidade e sabe-se muito bem que os tipos de certezas para os quais a ciência está a ser usada têm a ver fundamentalmente com a mercantilização da ciência [...] Portanto, isso diz-me que, efetivamente, a ciência moderna, neste momento, está a dar sinais dessa falta de confiança epistemológica e isso

tem conseqüências culturais e políticas muito fortes. [...] Eu penso que essa falta de confiança epistemológica está, de alguma maneira, a abrir o espaço para outros conhecimentos (SANTOS, 2001, p. 27) **[grifo nosso]**.

No fragmento "*Estaleiro*", Benjamin (2013c, p. 16) fala das "rançosas especulações dos pedagogos" ao pensar os objetos (material didático, brinquedos, livros) destinados às crianças e afirma que "a psicologia os impede de ver como a terra está cheia de objetos de atenção e de exercício infantil". Na perspectiva benjaminiana, o exercício infantil de experimentação do mundo passa pela recombinação de fragmentos do mundo adulto – que podemos perceber aqui como elementos da tradição – dando lugar ao desordenamento da cultura em um movimento desprezioso, mas radicalmente surrealista. Em consonância com isso, Benjamin (2013c) nos auxilia a refletir sobre essa experimentação do mundo adulto, quando parece sugerir que as crianças:

Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos desperdícios que ficam do trabalho da construção, da jardinagem, ou das tarefas domésticas, da costura ou da marcenaria. Nesses desperdícios reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta para elas, precisamente e apenas para elas. Com eles, não imitam as obras dos adultos, antes criam novas e súbitas relações entre materiais de tipos muito diversos, por meio daquilo que, brincando com eles, constroem. Com isso, as crianças criam elas mesmas o seu mundo de coisas, um pequeno mundo dentro do grande. Não se devem perder de vista as regras deste pequeno mundo das coisas quando se pretende criar especificamente para as crianças **[com elas e a partir delas]** sem deixarmos que a nossa atividade, com tudo aquilo que são os seus requisitos e instrumentos próprios, encontre o caminho que leva a elas, e só esse (BENJAMIN, 2013c, p. 16) **[grifo nosso]**.

O reconhecimento destas novas unidades de análise cultural, que consideram a complexidade da realidade e a possibilidade de encontrar novos métodos de acesso ao conhecimento, a partir da necessidade dos sujeitos aproxima a etnografia surrealista da proposta de Miguel Arroyo (2014), no que se refere a *Pedagogias Outras* – o compromisso com a perspectiva de uma educação popular e emancipatória, centrada nos sujeitos, de outra forma já dita por Freire (1996). Na perspectiva freiriana, a educação deve buscar a tomada de consciência dos oprimidos em relação à realidade que lhes diminui. Para Freire (1996), o conhecimento se dá pelos sujeitos em comunhão, intermediados pelo mundo e seu sentido último, é a luta pela emancipação.

Arroyo (2014) sugere, a partir da experiência educativa dos sujeitos comprometidos com movimentos sociais, novas possibilidades para o campo da Pedagogia. Para este autor, através dos "Sujeitos Outros" que hoje chegam à escola (mulheres, quilombolas, indígenas, assentados da reforma agrária, etc.), que são militantes pela terra, pelo gênero, pela orientação sexual, pela moradia e que lutam pela afirmação dos direitos de sua classe, emerge a possibilidade de pensar novas pedagogias, direcionadas para as necessidades destes sujeitos. Do encontro dos coletivos sociais com o conhecimento tradicional, emergem os tensionamentos que surgem da incapacidade dos saberes tradicionais de oferecer respostas às suas necessidades. Isto porque, ao lutarem por seus direitos – seja quais forem suas reivindicações – estes sujeitos se reconhecerem como sujeitos de valores, de conhecimentos, de culturas próprias, sujeitos de processos de

humanização/emancipação, que “interrogam as teorias pedagógicas e pressionam por Outras Pedagogias” (ARROYO, 2014, p. 26). Em consonância com as discussões do que fora proposto por Santos (2001), Freire (1996), Arroyo (2014) e Bhabha (2014), Bussoletti & Vargas (2016) levantam a questão da necessidade de se pensar e se trabalhar a partir de outras epistemologias para o conhecimento contemporâneo, ao hibridizarem distintos referenciais e proporem a Pedagogia da Fronteira e a Estética da Ginga como possibilidades para se trabalhar na grande área das ciências humanas, em resistência aos aprisionamentos que as perspectivas hegemônica e institucionalmente normatizadas pelas pesquisas e seus pesquisadores têm realizado tradicionalmente em nosso país. Nesse ínterim, o surrealismo etnográfico encontra um diálogo que lhe amplia e aprofunda a consistência do seu contexto de arcabouço teórico-reflexivo para abordagens ainda novas às ciências humanas e, também, como necessárias a um posicionamento de resistência a toda a forma de ciência que nos é imposta como única possibilidade legítima e aceita, pois vai de encontro ao que historicamente é tido como norma na realização de pesquisas nessa área do conhecimento. Por esse motivo, a etnografia surrealista encontra um terreno fértil de diálogo com a Pedagogia da Fronteira e a Estética da Ginga para resistir a toda forma de controle, determinação e normatização das possibilidades para se desenvolver as pesquisas acadêmicas.

A Etnografia Surrealista como caminho-desvio para Pedagogias Outras

(...) ver la cultura y sus normas (belleza, verdad, realidad) como arreglos artificiales, susceptibles de un analisis desapegado y una comparacion con otras disposiciones posibles es crucial para una actitud etnografica (CLIFFORD, 2001, p. 151).

Arroyo (2004), ao pensar a possibilidade de criação dessas *Pedagogias Outras* exige habitar os tempo-espacos do “entre” fronteiras, às quais Bhabha (2014) considera como unidades fluídas que não dizem respeito à contextos onde algo termina, mas ao contrário, como possibilidades onde algo de novo começa a se fazer presente. Na própria desordem do sistema normativo metodológico, imputado aos pesquisadores como meio de acesso ao conhecimento, o método da etnografia surrealista faz emergir possibilidades de reflexão e transgressão que podem conduzir à criação e experimentação do novo. Em relação com isso, Clifford (2001) refere que:

Lo que se reconoce con menos frecuencia, en las ciencias humanas por lo menos, es que la consolidación de cualquier paradigma depende de excluir o relegar al estado de "arte" a esos elementos de La cambiante disciplina misma, esas prácticas de investigación que, como Documents, actúan en los límites del desorden (CLIFFORD, 2001, p. 169).

Sob a perspectiva benjaminiana do rompimento com o *continuum* da história, a possibilidade de reinventar as definições tradicionais de significação coletiva abre uma fenda no céu da história que exige do pensar “não apenas o movimento dos pensamentos, mas sua paragem” (BENJAMIN, 2013a, p. 19). Benjamin (2013a) percebe, neste instante suspenso, a “paragem messiânica”, na qual habita uma oportunidade revolucionária de luta por um passado reprimido que força o agora

(*Jetzzeit*) a romper com o fluxo homogêneo de uma história esvaziada, conforme podemos ver no trecho abaixo:

Quando o pensar se suspende subitamente, numa constelação carregada de tensões, provoca nela um choque através do qual ela cristaliza e se transforma numa mônada. O materialista histórico ocupa-se de um objeto histórico apenas quando este se lhe apresenta como uma tal mônada (BENJAMIN, 2013a, p. 19).

Na oportunidade de preenchimento de um tempo volátil, Duarte (2017) investiga a possibilidade de pensar o que chama de uma *Educação Desordeira*, conceito que se desenvolve essencialmente a partir do desordenamento dos ideias tradicionais que regulamentam a prática educativa, seja no ensino ou na pesquisa, buscando a abertura ao novo a partir dos olhares das infâncias. Segundo essa autora:

Compreender o espectro onde se adensa a Educação Desordeira como possibilidade de fazer emergir uma “pedagogia Outra” a partir do *Jetzzeit* é encontrar o próprio corpo suspenso na imensidão da galáxia. Cada estrela no firmamento do pensar é uma grande e luminosa esfera que os tensionamentos internos mantêm brilhante no céu da história, ainda que não resista viva no tempo que conhecemos - assim como as estrelas que vemos nos céus das nossas noites. Ecos de um passado que já não existe, mas que tornamos presente ao contemplar. É neste lugar - e talvez, apenas nele -, onde se faz possível realizar a escrita de uma nova história (DUARTE, 2017, p. 32).

Ainda de acordo com Duarte (2017), uma atitude etnográfica surrealista na pesquisa em educação deve exigir do pesquisador o abandono de suas certezas, de forma que, no processo de pesquisa em relação com o *Outro*, em campo, descubra significados nos quais possa exercer, nesse contexto, a atitude niilista que é base do pensamento etnográfico surrealista. Para isso, é necessário assumir que os caminhos de pesquisa também podem ser desvios pelos quais buscamos exaustivamente encontrar novos sentidos no mundo. Segundo Duarte (2017), devemos voltar aos mesmos descaminhos vez após vez, no esforço constante de um olhar crítico e renovado, o que parece ser essencial para uma atitude desordeira, da qual possam desabrochar os impulsos surrealistas, como girassóis, que instintivamente voltam seus corpos à claridade.

Compreender a Etnografia Surrealista é, portanto, habitar o terreno do incerto – e talvez do instinto, por que não? – com rigorosidade. É ter em mente o desserviço que seria uma tentativa de realização de um desenho último do método, o que certamente iria contra todos os pressupostos do surrealismo. Nossa proposta com esse texto, está diretamente comprometida com os ideais da etnografia surrealista, quando, para além de estabelecer um caminho de pesquisa rígido, baseado nas epistemologias tradicionais que oferecem consensos, convida ao trânsito pelos desvios de uma metodologia ainda pouco conhecida e explorada no Brasil e que tem demonstrado ser uma possibilidade de acesso à conhecimentos *Outros, Pedagogias Outras, Estéticas Outras* que possam, minimamente, dar conta da necessidade dos sujeitos históricos, permeados por suas lutas e pela complexidade da experiência cultural da atualidade.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, Vol. 1. Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- _____. *O anjo da história*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a.
- _____. *Origem do drama trágico alemão*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b.
- _____. *Rua de mão única, Infância berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013c.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Entre-fronteiras: Epistemologias para o futuro da educação por meio da diversidade – Pedagogia da fronteira e estética da ginga. *Portuguese Studies Review*, v. 24, n. 01, p. 283-311, 2016.
- CLIFFORD, James. *Dilemas de la cultura: Antopología, literatura y arte em la perspectiva pós-moderna*. Barcelona: Gedisa, 2001.
- DUARTE, Krischna S. *Educação Desordeira: poéticas das infâncias em videoarte*. [Tese de doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado em Educação, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas/RS, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo/SP: Paz e Terra, 1996.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento*. Entrevista realizada por Luís Armando Gandin e Álvaro Moreira Hypolito. In: *Educação & Realidade*, vol. 26, nº 1, jan-jul de 2001, p. 13-32. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.